







o fantasma do andar de cima

EVA ALDEANO

Título Original: O Fantasma do Andar de Cima
Autora: Eva Aldeano
Copyright © Editora Nova Geração & Eva Aldeano

Coordenação Editorial: Tânia Roberto
Edição: Tânia Roberto
Revisão: Catarina Neves e Rosalina Marques
Paginação: Tânia Roberto
Ilustração e capa: Aléxia Oliveira
1ª Edição: setembro de 2026
Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:
ISBN: 978-989-4908-92-0



Aos meus pais que sempre me incentivaram a ser
criativa e que não fazia mal riscar nas paredes.



Nota da Autora

Acredito que todos carregamos fantasmas, alguns silenciosos, outros barulhentos e que enfrentá-los é a maior prova de força que podemos dar a nós mesmos.

Este livro nasceu da ideia de que até as feridas mais profundas podem transformar-se em luz quando contadas com verdade.

Se alguma parte desta história tocar o teu coração, então já valeu a pena escrevê-la.

Playlist associada ao livro

Folklore Taylor Swift





Prólogo

NÃO são muitas as pessoas que podem dizer que o seu melhor amigo de sempre é um fantasma. Uma alma penada. Um espírito. Um velhote que não sabe bem o que ainda está aqui a fazer.

Mas eu posso.

O Sr. Fernando morreu há mais de vinte anos e, ainda assim, por aqui andava, a tentar entender o seu propósito na morte. Enquanto isso, eu tentava entender o meu propósito na vida. Principalmente, depois do que me aconteceu.

Ajudámo-nos um ao outro a perceber os passos que deveríamos seguir de forma a andarmos em frente com a vida... e com a morte.

A minha história poderia converter qualquer descrente e abalar as fundações de qualquer ateu. Mas, por enquanto, é um segredo que partilho apenas com quem me conhece bem. Vou deixar as histórias mirabolantes para os livros que vendo. Quem sabe um dia, quando tudo fizer sentido, eu escreva a nossa história. Por enquanto... é segredo.





Ricardo

O MEU plano tinha tudo para dar errado. Porque fui eu que o criei e, normalmente, o que planeio corre mal. Mas desta vez havia mais em jogo: investi naquela pequena loja todo o meu dinheiro. Ou melhor, todo o dinheiro que restava de uma herança inesperada... a única coisa boa que o Ricardo alguma vez trouxe para a minha vida.

Conheci o Ricardo quando tinha catorze anos. Ele, com dezoito, era amigo do meu irmão e dava-me atenção à qual eu não estava habituada. Rapidamente percebi que estava interessado em mim. O meu corpo tinha amadurecido cedo, mas a minha cabeça ainda era de adolescente. Ao olhar para trás, vejo que ele apenas gostava de ser admirado.

Ele era músico — baterista numa banda de garagem — e, para mim, isso era a coisa mais emocionante do mundo. Conversávamos durante horas, com o seu olhar verde preso ao meu. Tinha o cabelo preto como as luxuosas penas de um corvo e cheirava sempre a *Old Spice*, o perfume que, naquele verão, se entranhou na minha memória como a própria adolescência. Não houve beijos nem trocas de contactos, ele simplesmente desapareceu, tão repentinamente quanto surgiu. Na altura, jurei a mim mesma que nunca mais amaria ninguém com aquela intensidade tola e cega.

Tive outros amores e desamores, alguns muito dolorosos, mas o Ricardo foi sempre o meu grande amor perdido.

Muitos anos depois, fui eu que procurei pelo seu nome no *Facebook*. Gostava de pensar que era obra do destino, mas sabia que não era. Essa desculpa deixava-me mais confortável: assim, o que viesse a acontecer não seria culpa minha, mas do universo.

Casei-me por puro capricho da idade. Se me perguntarem porquê, direi que foi a inocência que decidiu por mim. Quando estávamos juntos, a relação era ardente e satisfatória, mas nas épocas de *tour* tornava-se um pesadelo. O Ricardo era ciumento e obsessivo, criava histórias na sua cabeça sobre qualquer homem que cruzasse o meu caminho. Nunca lhe dei motivos para desconfiar, mas bastava uma oportunidade e surgiam crises violentas e sem fundamento.

Um ano depois de casados, cometeu um erro imperdoável: enviou-me uma fotografia sua, algo que era habitual entre nós, mas no campo dos destinatários havia dois números. O meu e outro que eu não conhecia. Liguei-lhe vinte vezes. Sem resposta. Tentei também o número estranho, mas ninguém atendeu. Quando finalmente o confrontei, jurou que tinha sido um erro, negando tudo. Mas a semente da desconfiança já estava plantada.

Transformei-me numa verdadeira *Sherlock Holmes*, de lupa imaginária na mão e noites passadas a seguir pistas digitais. Reparei que em quase todas as fotografias publicadas aparecia a mesma mulher: cabelo preto curtíssimo, olhos cinzentos quase transparentes, a olhar para a câmara com provocação. Naquele instante, soube que era ela.

Discutimos de forma ensurdecadora e ele desapareceu mais uma vez. Três dias depois, recebi a chamada. Acidente de carro. Conduzia sem carta e não sobreviveu.

Fiquei destroçada, mas o rancor era maior. Nunca recebi um pedido de desculpas. Nunca pude dizer-lhe tudo o que pensava.

E, no entanto, ali estava eu, parada diante da minha nova loja, a finalmente concretizar um sonho antigo. Ironia das ironias: graças às poupanças secretas do Ricardo — dinheiro que ele nunca mencionou, enquanto discutíamos por causa das contas e eu comprava sempre o mais barato. Depois de anos de ameaças de corte de luz e água, descobri que havia uma quantia generosa numa conta bancária escondida. Às vezes pergunto-me se ele a guardava para fugir um dia.





Páginas e Aromas

A MONTRA estava coberta de *graffiti* e pó, como se décadas de descuido se tivessem agarrado à fachada. A porta da frente, partida, rangia ao mínimo toque. E, ainda assim, eu via tudo com olhos de artista: flores a trepar pelas paredes, o aroma a café quente a escapar para a rua, páginas abertas como asas. Só não sabia que género de negócio abrir. Sempre adorei flores e daí ter pensado em abrir uma loja de flores, porém, não entendia tanto sobre arranjos e sem o conhecimento necessário tornava-se impossível. Também considerei uma de roupa, mas o meu desinteresse por moda tornava essa ideia pouco realista. Nunca seria capaz de aconselhar clientes. Até que me lembrei de um sonho antigo, escondido na memória. Um café-livraria. Em adolescente já tinha sonhado com a possibilidade de ter um negócio que misturasse o meu amor por livros e café.

Quando a agente imobiliária me levou à loja pela primeira vez, o meu coração bateu como se me tivesse acabado de me apaixonar. Os pormenores a ferro no exterior, as colunas enormes, o teto alto e as vigas em madeira. Tudo me pareceu um absoluto sonho poeirento. O valor? Acessível! O antigo dono tinha morrido no primeiro andar da loja e isso diminuía o seu valor de mercado. Este facto poderia causar-me alguns arrepios mas, na realidade, os espíritos nunca me fizeram confusão. Só os vivos me incomodavam, às vezes.

O primeiro passo era limpar todo o espaço. Felizmente deixaram os armários antigos que me dariam jeito e que, por sorte, não tinham criado bicho. Eram bastante altos, de madeira robusta e escura. Preferia aquele gênero de mobiliário ao mais moderno. Tinha mais personalidade. E era tudo gratuito, o que me agradava bastante. Depois de os limpar bem, dei cera ao chão, que o deixou muito mais bonito. Deixei-o a secar e fui para casa, derrotada de cansaço.

De manhã quando voltei à loja reparei que o chão tinha pequeninos insetos mortos que aparentavam ter caído do teto. Era bicho-da-madeira e era necessário fazer um tratamento, caso contrário teria de substituir todas as vigas. Isso seria dispendioso e não estava nos meus planos. Procurei nas gavetas do velho escritório e descobri uns panfletos de vários profissionais: canalizadores, eletricitas, carpinteiros e, entre eles, também de exterminadores de pragas. *Que sorte!* Pensei.

Liguei para o exterminador e quem atendeu o telefone foi um homem mal-humorado e antipático, mas que se prontificou a resolver o assunto com alguma urgência. Aquela situação atrasou um pouco os meus planos e o espaço teve de ser fechado por dois dias para se fazer o tratamento, mas quando retomei, foi com vontade redobrada em fazer tudo aquilo funcionar.

Decidi limpar a fundo o escritório, que tinha bastante luz graças a duas grandes claraboias. Num armário alto havia velhos livros com a contabilidade do antigo negócio, e, movida pela curiosidade, folheei-os. Aparentemente este local era uma loja de antiguidades e o velhote tinha apontado tudo o que entrava e saía de *stock*: Um candeeiro com abajur de veludo laranja, um tapete persa com tais medidas, uma jarra chinesa... tudo estava devidamente anotado.

No canto vi uma máquina de escrever *Smith-Corona*, que limpei a fundo, e tentei escrever nela, mas a fita já estava bastante usada. Era uma boa peça de conversação para o meu espaço comercial. Coloquei-a em destaque, na montra.

Depois de limpar todo o escritório regressei à loja para avaliar o que ainda precisava de ser feito. O chão estava brilhante, as vigas cintilavam com saúde e os armários eram elegantes e charmosos apesar de já serem tão velhinhos. No exterior analisei a montra que continuava grafitada, dando-lhe um aspeto desolador. Infelizmente, limpar *graffiti* mostrou ser algo bastante difícil, no entanto não me agradava ter de pagar a alguém para o fazer tendo dois bons braços. Na loja de ferragens comprei um diluente forte e uma máscara. Anotei todos os gastos num pequeno livrete de contabilidade, inspirada pela organização do anterior dono.

Consegui, ao fim de uma semana, limpar a frente da loja e retirar todas as pinturas. Estava, finalmente, com um ar apresentável.

O ferro trabalhado à volta da montra dava um ar clássico que me agradava bastante. E seguindo esse estilo, fui até um ferreiro para pedir ideias para criar uma moldura para o símbolo da loja. Recomendou algo floral e colorido. Felizmente eu tinha uma pessoa muito criativa próxima de mim. Ninguém melhor que o meu irmão para me ajudar a criá-lo.

Encontrámo-nos num café, que fazia lembrar uma tasca, com cheiro a fritos e café queimado. Era uma boa inspiração para saber aquilo que não queria fazer com o meu espaço, no entanto a senhora do café pareceu-me feliz e satisfeita enquanto me servia o galão.

— *Aqui tens, querida.* — Sempre achei reconfortante quando uma senhora mais velha me chamava de «querida». Aquecia-me o coração e lembrava-me da minha mãe.

Peguei no copo, bastante quente, e dirigi-me para a mesa onde o Gabriel me esperava.

— *Portanto, compraste uma loja, remodelaste-a, e não me disseste nada? Podias-me ter chamado! Ter-te-ia ajudado nas limpezas.* — Ele fingia-se arreliado, mas sabia que no fundo estava aliviado porque não teve de fazer trabalhos pesados.

— *Não penses mais nisso. Estava tudo bastante decente quando a comprei, só precisava de algum carinho. Agora faltam apenas os detalhes finais e foi para isso que te chamei* — expliquei-lhe aquilo de que precisava e que o conceito da loja seria expor toda a minha coleção de livros, os quais emprestaria como se fosse uma biblioteca. Além de ter, também, livros novos para venda. E, o mais importante de tudo: servir café de qualidade. Com agilidade, ele desenhou num guardanapo aquele que seria o novo logotipo da loja. Era uma chávena de café que, em vez de fumo, tinha páginas de livros a serem desfolhadas. Consegui imaginar perfeitamente a imagem na nova placa por cima da porta.

A restante conversa foi agradável e juntos relembrámos os nossos pais, que morreram demasiado cedo, e o quanto sentíamos a sua falta.

— *Gostava que fosses mais próxima de mim, Laura.* — Os olhos dele tinham alguma tristeza. — *Preciso de ti, nem que seja só para te falar mal das pessoas do meu trabalho, ou dos meus desgostos amorosos.*

— *Eu sei que desde que o Ricardo morreu tenho estado mais distante* — respondi.

— *Eu entendo... Foram anos difíceis para ti.*

— *Ele desiludiu-me imenso e agora tenho de viver o resto da minha vida com palavras entaladas na garganta.*

Só queria poder dizer-lhe algumas coisas, mas agora é impossível. Acho que nunca mais vou confiar nos homens.

— A verdade é que depois da morte do Ricardo, toda a minha visão de relacionamentos estava turva com a sombra da traição. Tanto pelo dinheiro escondido, como pela outra mulher, com quem se encontrava.

— *Sabias que ela foi ao funeral?* — Fiquei boquiaberta. Sabia que tinha ido muita gente. Ele tinha centenas de amigos e muitos seguidores da banda. Não reconheci a maior parte das pessoas, mas nunca pensei que ela se atrevesse a ir. — *Foi e chorou como se fosse ela a própria viúva* — exagerou.

Não conseguia conceber a quantidade de atrevimento que alguém precisava de ter para ir a um funeral, sabendo que era a amante do falecido, e enfrentar sem medo a família que sofre. Tinha de dar a mão à palmatória. Era preciso coragem. Ou estupidez.

Voltei à ferraria e entreguei o esboço ao ferreiro, que olhou para ele com um ar pouco impressionado e disse que o símbolo poderia ser queimado na madeira e, à sua volta, seria feita uma estrutura de ferro. Achei uma boa ideia e combinei ir buscá-la dentro de dois dias.

Na montra coloquei um banco de madeira com a máquina de escrever exposta. Na folha podia-se ler «Bem-Vindo».

Por agora, estava feito.

Voltei para casa com a sensação de que estava a fazer algo que me dava prazer. No entanto, dentro de mim, tinha medo de tudo aquilo que poderia correr mal. Quando cheguei, pousei a mala, tirei finalmente os ténis e tomei um longo banho. Saí a cheirar a frutos vermelhos e o aroma acalmou-me a mente. Aroma... Sempre gostei desta palavra. Queria que quem entrasse na minha loja sentisse o aroma a café e o cheiro das páginas dos livros. Páginas e Aromas!

Esse seria o nome da loja! Saltitei, contente com a ideia genial, e abri uma garrafa de *Lambrusco* para comemorar.

A campainha tocou. Ainda com a garrafa de *Lambrusco* na mão, fui até ao ecrã da câmara. O sorriso do Gabriel era tão exagerado que quase dava para ouvir a música triunfal ao fundo. A mala cor-de-rosa que lhe balançava no braço anunciava problemas... ou surpresas.

— *Abre! Rápido! Vais amar-me!* — dizia com entusiasmo.

Abri a porta e da mala saía a cabeça de um minúsculo cão.

— *Chama-se Fox! Porque é uma raposinha marota! Não é? Não é?* — dizia enquanto lhe beijava a cabeça de forma quase violenta.

— *Gabriel! Adotaste um cão?* — perguntei, a medo, já adivinhando a resposta.

— *Não! TU adotaste!* — O entusiasmo dele seria contagiante se eu não estivesse demasiado chocada. Não podia ter um cão naquela altura, quando estava a abrir um negócio e mal tinha tempo para tomar banho.

— *Pois, vais arranjar tempo porque este anjinho vai ser a tua salvação. Estás demasiado sozinha aqui nesta casa enorme e, além disso, os clientes adoram ver animais de estimação. Ela ainda te vai fazer dinheiro.*

— *Mas um cão dentro de um café é tão pouco higiénico!*

— Olhei para o cão e achei que era o animal mais felpudo do mundo. O Gabriel tapou-lhe as orelhas como se eu tivesse dito algo chocante e a cadela pudesse entender.

— *Não digas isso da Foxinha linda! Confia em mim, ok? Os teus geeks dos livros adoram animais.* — Pousou a mala no chão e a cadela veio para junto dos meus pés, a pedir para ser levada ao colo. Olhei para ela, que tinha os olhos mais ternurentos que já havia visto, e podia jurar que me sorriu.



A *Fox* ajudou, mesmo, a combater a minha solidão. Levava-a para todo o lado e, apesar de reguila, consegui domesticá-la. Na loja coloquei uma caminha ao canto, onde se deitava sem ladrar ou refilar. Pareceu-me feliz.

Como já sabia que nome dar à loja, pintei-o por cima da entrada com letras itálicas a imitar o antigo, o que lhe deu um aspeto clássico muito bonito. Só faltava pendurar o símbolo para que quem viesse da rua pudesse ver, de frente, que havia ali um café.

Depois de tudo pronto no exterior, estava na hora de pensar o que fazer com o interior. A máquina de escrever dava um toque bonito, mas era imprescindível que o resto combinasse.

Coloquei um confortável sofá de dois lugares com uma mesa de madeira num canto e, para adornar, uma manta quentinha e duas almofadas. O póster do filme *E tudo o Vento Levou*, o meu preferido, enquadrava a mesa. A pensar em quem quisesse vir trabalhar ou estudar para o espaço, coloquei uma mesa comprida virada para a rua e algumas plantas suculentas. Em todos os lugares existia uma tomada elétrica para carregar os computadores.

O restante espaço variava entre lugares com sofás antigos confortáveis e cadeiras de madeira almofadadas. Em todas as paredes existiam armários que iam até ao teto, acompanhados por robustas escadas de acesso às prateleiras superiores. Atrás do balcão estavam os meus livros, devidamente catalogados, que emprestaria aos clientes.

Enquanto bebia um chá relaxante para descansar um pouco, reparei num homem parado do outro lado da rua.

Tinha um sobretudo cinzento comprido, um chapéu gasto e um caderno de capa preta apertado contra o peito. Observava a fachada como quem avalia uma obra de arte antiga. Assim que percebeu que eu o via, virou-se e desapareceu na esquina, sem sequer esboçar um sorriso.

Pensei que fosse algum curioso da vizinhança. Ainda assim, a intensidade do seu olhar deixou-me intrigada.

Ao fechar a porta, tive a estranha sensação de que não era só uma loja que estava a nascer. Era uma nova versão de mim.



O primeiro dia

NÃO quis fazer um grande alarido no dia da abertura. Apenas preendi três balões dourados à mostra, junto à máquina de escrever, e virei o letreiro de «Fechado» para «Aberto». O ar fresco da manhã contrastava com o calor acolhedor que se sentia no interior. Tinha sido uma boa ideia investir num sistema de ar condicionado.

A *Fox* saltitava pelo sofá, feliz, enquanto eu andava atrás dela com uma escovinha, tentando manter cada mesa livre de pelos. Estava demasiado nervosa para a repreender. Atrás de mim, o gira-discos tocava baixinho *Evermore*, da Taylor Swift — um toque suave que me ajudava a respirar.

A primeira cliente que entrou era uma senhora de cerca de setenta anos. Assim que cruzou a porta, sorriu e passou as mãos pelas mesas e almofadas, como quem reencontra um lugar querido.

— *Ficou tão bonito! Quem a viu e quem a vê...* — disse, aproximando-se do balcão e folheando o catálogo de livros para cedência. — *Como é que isto funciona? A menina passa-me um livro assim, sem mais nada?*

Sorri.

— *Sim, é quase assim. Eu faço uma ficha de cliente e, por cada café que pedir, pode escolher um livro desta estante atrás de mim. Cada pedido recebe um carimbo*

no cartão e, quando juntar dez, tem dez por cento de desconto em qualquer livro novo — ali, naquelas estantes.

Ela ficou a olhar para mim durante alguns segundos. O meu coração apertou — será que o sistema era demasiado complicado? Terei falhado logo no primeiro dia?

Mas, muito prontamente, estendeu-me a mão com um sorriso suave e bondoso.

— O meu nome é Maria dos Anjos. Fui professora de inglês mais de quarenta anos e adoro ler. Acho esta sua ideia brilhante! Quero fazer o cartão de cliente, por favor.

Respirei de alívio. Feliz, preparei o meu primeiro cartão de cliente. A Maria dos Anjos pediu um café da Colômbia, e ofereci-lhe uma bolacha para celebrar a inauguração. Contou-me que era freguesa da antiga loja e que conheceu bem o Senhor Fernando, o dono anterior. Pareceu-me uma boa oportunidade para saber mais sobre ele, mas ela pediu um livro e sentou-se numa das cadeiras almofadadas — talvez o momento para perguntas ainda não tivesse chegado.

O segundo cliente foi o meu irmão, que trouxe três amigos e ocupou o canto dos sofás. Riam, falavam alto e enchiam o espaço de alegria. A seguir, vieram outros. Em pouco tempo, estava a tirar mais cafés do que imaginei servir num primeiro dia. Tive de abrir outra caixa de bolachas e imprimir novos cartões de cliente — só tinha preparado dez e esgotaram rapidamente.

Perto da hora do almoço, a porta abriu-se de mansinho. O mesmo homem de sobretudo cinzento entrou, desta vez sem hesitar. Aproximou-se do balcão, olhou-me por breves segundos e disse:

— Um café, por favor.

A sua voz era baixa e pausada, com um leve sotaque que não consegui identificar. Entreguei-lhe o café e, em vez de escolher uma das mesas junto à janela, dirigiu-se a um canto mais recuado da loja, junto à estante dos clássicos, e sentou-se com o caderno aberto.

Escrevia devagar, como se cada palavra pesasse toneladas. De vez em quando, levantava os olhos e observava em silêncio. Não folheava livros, não usava telemóvel, não olhava para ninguém. Apenas... escrevia.

Quando terminou o café, aproximou-se do balcão.

— *Voltarei em breve* — disse ainda sem sorrir.

Acenou ligeiramente e saiu. Só quando a porta se fechou é que percebi que não tinha pago. Voltei-me rapidamente... mas o dinheiro exato estava pousado no balcão.

Enquanto imprimia novos cartões no escritório, ouvi o sino da porta tocar. Corri para o balcão. Do outro lado estava um homem muito atraente, com uma ligeira sombra de uma barba por fazer. Engasguei-me ao tentar dizer «boa tarde» e tive um ataque de tosse completamente ridículo. O Gabriel, sentado ao fundo, fez-me um gesto com as mãos em forma de coração, e eu revirei-lhe os olhos.

Depois de recuperar, repeti o cumprimento com mais elegância. Ele folheava distraidamente o catálogo de livros, segurando a mão de uma criança de quatro anos, que lambia um chupa-chupa.

— *Boa tarde. Um Marrocos bem cheio e O Jardim do Paraíso, de Hemingway.*

A voz era calma e baixa. Os olhos de cores indefinidas — ora verdes, ora azuis, ora castanhos — e um sorriso gentil.

— *Excelente escolha. É o meu livro preferido* — disse, servindo-lhe o café e entregando o livro.

— *Só assim?* — perguntou, referindo-se ao livro.

Lembrei-me então dos cartões ainda a meio da impressora.
— *Ah! Não, desculpe. Tem de fazer um cartão de cliente. Volto já.* — Fugi para o escritório, tropeçando quase nos próprios pés.

— *Ah, merda!* — gritei, quando percebi que a impressora tinha encravado.

— *Precisas de ajuda?* — Ouvi atrás de mim.

Porque é que a voz dele tinha de ser assim tão gentil?

— *Não, obrigada!* — disse, demasiado alto para o ambiente calmo que imaginara para a loja.

Ele apareceu à porta.

— *Pareceu-me que precisavas de ajuda. Eu percebo de computadores. Posso entrar?*

Assenti e o meu coração acelerou. Não tinha aliança, mas segurava a mão de uma criança — provavelmente comprometido. Ainda assim, simpático e prestável. Rapidamente resolveu o problema e explicou-me que o formato estava mal configurado.

Recortei-lhe um cartão e voltei ao balcão. A criança brincava com a *Fox*, ambas radiantes.

— *Artur Miller* — li em voz alta do cartão, franzindo a testa.

Ele riu-se.

— *É alemão, da parte do meu pai.* — Deu um último gole no café. — *Ele era fã do escritor americano. Vem, terrorista* — disse, dirigindo-se à criança que o acompanhava.

Saíram da loja com o livro debaixo do braço e um aceno simpático.

Gabriel apareceu logo, espreitando por cima do balcão.

— *Quem era aquele homem lindo?*

— *Provavelmente o pai daquela criança.* — Sorri,

encolhendo os ombros. — *É sempre assim. Ou não prestam, ou são comprometidos.*

— *Isso é o teu coração partido a falar. Nem todos são «Ricardos». Graças aos céus!* — disse, roubando uma bolacha antes de voltar à mesa.

O resto do dia correu sem percalços de maior — apenas um fornecedor que não apareceu e um café em falta no menu, mas ninguém pareceu notar. Ao final da tarde, exausta mas feliz, fechei a loja com a *Fox* debaixo do braço.

Pela primeira vez em muito tempo, deitei-me com a sensação de estar exatamente onde devia.

No segundo sábado de portas abertas, entrou uma senhora pequena e redonda, com um chapéu coberto de flores artificiais e um xaile vermelho vivo. Aproximou-se do balcão, inclinando-se como quem partilha um segredo perigoso.

— *Posso fazer uma pergunta?* — murmurou.

— *Claro, diga* — respondi.

— *A sua cadelinha... vê o futuro?*

Pisquei os olhos, confusa.

— *A Fox? Não... que eu saiba, não.*

Ela aproximou-se da cadela, que abanava a cauda feliz.

— *Oh, minha menina, tu sabes coisas que nós não sabemos, não sabes? Tens um dom* — sussurrou, fazendo-lhe festas.

— *Um dom?* — repeti, quase a rir.

— *Sim. Antecipam desgraças. Quando eu era jovem, o cão do meu vizinho sentou-se à porta a uivar, e no dia seguinte... morreu o tio dele.*

Servi-lhe um café e ela apresentou-se — D. Estefânia, e prometeu voltar para «estudar os sinais» da *Fox*. E voltou mesmo, dias depois, com um bloco de notas.

— *Quando ela inclina a cabecinha para a esquerda, vai acontecer algo bom. Para a direita... cuidado.*

Olhei para a Fox, que abanava a cauda para todos os lados, feliz por receber atenção.

— *E que cuidado deve ser esse?* — perguntei, a rir.

— *Atenção a confusões... ou romances* — respondeu, com um brilho malicioso. — *E por falar nisso, aquele rapaz bonito que vem cá... é parente seu?*

Engasguei-me com o café.

— *Não... é um cliente.*

— *Pois, olhe que a Fox inclina a cabeça sempre para a direita quando ele entra. É um bom sinal.*

Passei o resto do dia a observar a minha cadela com demasiada atenção.